

A NARRATIVA NA TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA DOS CONTOS DE FADAS: VERSÕES DE CINDERELA

Raimunda Claudiana Elias Carvalho¹
Rochelly Alves do Monte²

INTRODUÇÃO

As narrações orais exercem um papel muito importante na difusão da cultura de um povo. Assim, a cada história recontada, podem ser acrescentados nela novos elementos do narrador. Como corpus ficcional, trazemos o conto de fadas Cinderela, que ao longo dos séculos, foi repassado de forma artesanal, de geração em geração e recolhido por diversos escritores, que conforme Cascudo (2004) tem 130 variações.

Tivemos como objetivo, analisar o papel da narrativa para a disseminação da cultura popular, retratando o ato de ouvir e narrar histórias contadas, para que esses relatos não se percam ao longo dos tempos e sejam recontados e incorporados a eles elementos próprios da cultura de seus povos, e conseqüentemente, coletados da tradição oral e imortalizados na literatura, tendo como suporte teórico; Ariès (1986), Benjamin (1987), Coelho (2000, 2003).

A origem do conto de fadas Cinderela não é muito precisa. Dentre as inúmeras versões espalhadas pelo mundo, escolhemos três: A Gata Borralheira, dos irmãos Grimm; Bicho de Palha, de Câmara Cascudo e a adaptação para as telas dos Studios Walt Disney, trazendo as semelhanças e diferenças entre essas variações. Tais versões evidenciam o sofrimento de crianças/jovens órfãs de mãe que são maltratadas pelas madrastas devido à ambição e inveja alimentada pela sociedade patriarcal machista que estabelecia padrões de beleza para o corpo feminino, causando assim a rivalidade feminina e até a rivalidade fraternal.

METODOLOGIA

Com o intuito de tecer considerações sobre um dos contos mais popular da história, trazemos três versões, com suas semelhanças e diferenças, que saiu da tradição oral dos primórdios da história, atravessando continentes e gerações até ser resgatado e

¹ Mestranda do Curso de Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, clauacarvalho27@gmail.com ;

² Mestranda do Curso de Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, rochelly.alves@educacao.fortaleza.ce.gov.br ;

virar um clássico atemporal, através da oralidade, da escrita e da produção cinematográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Benjamin (1987) a beleza de narrar está em evitar explicações, deixando o ouvinte interpretar e recontar essa história livremente, pois é a partir desses diálogos que as narrações vão se expandindo. O narrador artesanal não se preocupa como o ouvinte está entendendo essa história e muito menos como ela será repassada. Ele narra de forma simples com a intenção de envolver o outro.

O narrador encanta o ouvinte com a sua narrativa. Assim, o ouvinte passa a ser o narrador da história que ouviu, e reconta a sua maneira, alterando informações, acrescentando sempre algo relevante para ele. Um bom narrador deve ser antes de tudo um bom ouvinte, pois narrador e ouvinte dialogam entre e si e criam laços.

Em seu texto, Benjamin relata a importância dos diálogos que acontecem entre as pessoas e que é a partir desses diálogos livres, sem interpretação, que as narrações vão se expandindo. Segundo ele:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (1987, p. 198)

É perceptível a importância dessa narração nas diversas variações de Cinderela. Esse conto vem sobrevivendo ao longo dos séculos, sendo passado de geração em geração e recebendo variadas versões. A princípio, através das narrativas orais que eram contadas e recontadas por avós, mães, tias, servas, atravessando fronteiras e sendo incorporados a ele elementos próprios da época, dos povos e da cultura na qual foi apresentado.

Ao ser recontado pelo mundo, à história sofreu diversas alterações, mudou nome da personagem e alguns elementos que compõem a narrativa. Em algumas narrações, foi apresentada uma história mais sombria e não muito adequada ao público infantil, já que o conto era utilizado para entreter pessoas independentes da idade. Sobre isso Coelho (2000) escreveu:

Ao seguirmos o percurso histórico das histórias infantis que vieram do passado, deparamos com o fato de que, em suas origens, elas surgiram destinadas ao público adulto, e com o tempo, através de um misterioso processo, se transformaram em literatura para os pequenos. (2000, p. 40)

A princípio, as narrativas artesanais e as primeiras transcrições dos contos, não tinham essas características que vemos na atualidade, de serem leves e encantadoras, voltados prioritariamente para o público infantil. O que tínhamos eram contos voltados para o público adulto, com narrações muitas vezes macabras, sem nenhuma preocupação em serem filtradas antes de apresentadas às crianças, pois as mesmas eram vistas pela sociedade, segundo Ariès (1986), como miniaturas de adultos. Ainda de acordo com as pesquisas do autor:

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais deste. (1986, p.156)

O conto veio da tradição oral, depois foi coletado e registrado por escritores. Segundo pesquisas apontam, o precursor foi Charles Perrault, que em 1697, colheu e adaptou, para crianças, histórias que faziam parte da tradição oral popular, como a de Cinderela, que foi imortalizada em sua coletânea de contos. Coelho (2003) expõe sobre o ocorrido:

A história da literatura registra que a primeira coletânea de contos infantis foi ao século XVII, na França, durante o faustoso reinado de Luís XIV, o rei sol. Trata-se dos Contos da Mãe Gansa (1697), livro no qual Charles Perrault (poeta e advogado de prestígio na corte) reuniu oito histórias, recolhidas da narrativa do povo. (2003, p.21)

Os irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, seguiram a mesma linha de Perrault e continuaram coletando narrações populares antigas e transformando em coletânea de contos. O brasileiro Câmara Cascudo (2004) também recolheu da tradição oral a sua versão do conto, apresentado em sua coletânea como “Bicho de Palha”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não se sabe precisamente onde surgiu o conto Cinderela, em virtude de existirem centenas de variações dessa narrativa espalhadas pelo mundo. Mas, estudiosos acreditam que a versão mais antiga pode ser a chinesa, que é de aproximadamente 860 A.C. No entanto, não é possível saber a sua autoria, pois faz parte da tradição oral dos povos da antiguidade e foi sendo disseminada em diferentes nações.

Apesar das modificações sofridas nos diversos locais em que foi recontada, ela

preservou a sua essência, a ponto de ser identificada dentro de qualquer contexto. O conto remete à história de uma jovem muito bondosa, que fica órfã de mãe e vê sua vida se transformar em um verdadeiro martírio nas mãos da nova companheira de seu pai, que se torna então sua madrasta. No final, temos a redenção da protagonista, que supera todas as adversidades com muita resiliência e através do casamento com um príncipe, ela consegue ter o seu final feliz.

A popularização e o fascínio por esse conto de fadas foi tanta, que ele foi adaptado para as telas, pelo Walt Disney Studios, nos anos 50 e até os dias atuais, a história dessa personagem icônica, vem recebendo releituras e encantando o público pelo mundo afora a cada relançamento. No entanto, a quem acredite que as adaptações feitas para as telas não sejam positivas, para Bettelheim (1980, p.32) “A maioria das crianças da atualidade conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas”, para ele as produções cinematográficas dos contos “são transformados em diversão vazia”.

Em *A gata borralheira*, os irmãos Grimm apresentaram ao mundo uma narração mais sombria e, ao mesmo tempo, com um cunho religioso, no qual a protagonista é orientada por sua mãe, em seu leito de morte, a ser sempre uma pessoa boa e piedosa, pois só assim Deus a ajudaria e o seu espírito a protegeria. Com a chegada da madrasta, juntamente com suas filhas, ela passa a sofrer maus tratos e a ser obrigada a realizar trabalho análogo à escravidão.

O lado sombrio dessa versão vem à tona, quando aparece a descrição da mutilação voluntária dos pés das irmãs, feito a sangue frio, com o intuito de que o pé coubesse no sapato trazido pelo príncipe à procura daquele que seria a eleita de seu coração. Todos os eventos são incentivados pela própria mãe, madrasta de Cinderela, como sacrifício para atingir seu objetivo, que era casar uma de suas filhas com o herdeiro da realeza.

Mas o horror não acaba por aí. A história fica macabra quando as irmãs são punidas e castigadas severamente no final, por terem sido falsas e perversas. A descrição da cena em que as pombas arrancam um olho de cada uma na entrada da igreja e na saída arrancam o outro, para puní-las com a cegueira para o resto da vida, é assustadoramente perturbadora para adultos, imagine para uma criança ouvir tal descrição de forma tão minuciosa.

Câmara Cascudo traz a variação *O bicho de palha*, uma narrativa bem mais leve, mas também com a presença da religiosidade. Nessa narrativa, a personagem principal

atende pelo nome de Maria. Assim como em outras versões conhecidas, seu pai enviuvou e contraiu núpcias novamente. Sua madrasta a maltratava, e na ausência do pai da menina, a obrigava a realizar serviços pesados.

Assim como em outras versões, nessa a protagonista também ascende na vida através do casamento. O diferencial dessa versão é que, ao invés de trazer uma fada ou outro elemento do mundo da fantasia, a narração traz a figura de Nossa Senhora, como o ser que aconselha, acalenta e a protege em seus momentos mais difíceis. A varinha utilizada faz alusão à fé, que se faz presente através da interseção da santa.

A versão cinematográfica apresentada por Walt Disney Studios é baseada no conto do francês Charles Perrault. Quando foi lançado em fevereiro de 1950, a história cativou os telespectadores e foi um verdadeiro sucesso de público e crítica. O filme incorporou em sua adaptação um elemento novo, a trilha sonora, na qual as músicas eram cantadas por algumas personagens, inclusive a protagonista que encantou com uma voz bela e suave, em uma abordagem mais leve e descontraída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cinderela é o conto de fadas com o maior número de variações que se tem conhecimento. A importância dos narradores artesanais para esse feito é indiscutível, pois essa história atravessou continentes, foi recontada por diferentes povos, em contextos históricos e sociais bem diferentes, mas preservando sempre a sua essência.

A história da jovem órfã, sofrida e maltrapilha que, apesar de toda maldade e privações que lhe foi imposta, não se contamina com o ambiente tóxico em que vive, e mantém-se fiel aos seus princípios de bondade, mostrando-se corajosa e determinada em conseguir seus desejos. No final, dá a volta por cima e alcança a redenção de forma mágica, se transformando em uma linda e admirada princesa. Esse enredo mexe com o imaginário das pessoas, pois muitas se identificam com a situação da protagonista, e alimentam a esperança de que no final tudo dará certo.

Tamanho foi a sua abrangência na tradição popular, que ele foi recolhido por diversos escritores, em diferentes partes do mundo e colocada em coletâneas de contos. A receptividade de sua narrativa nos livros só aumentou ao longo dos anos e ganhou também uma adaptação para o cinema. O sucesso dessa adaptação foi tanta, que até os dias atuais continua sendo lançadas releituras cinematográficas desse conto maravilhoso.

Sobre o fato dos contos de fadas resistirem aos avanços da tecnologia e serem

aclamados até os dias atuais, Benjamin (1987,p.215) é categórico: “Ele é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa”.

Esse conto de fadas, o mais recontado de todos os tempos, nos mostra a importância, de mesmo nos dias atuais, com tantas fontes de informações, ser bons ouvintes, para que possamos recontar histórias ouvidas às gerações futuras, acrescentando a elas, elementos do nosso contexto. Ademais, como enfatiza Hueck (2016, p.23) “Cinderela é a história-padrão de superação. É o relato com o qual todos os fracos e oprimidos se identificam, com a esperança de que um dia sua grande reviravolta também chegue”.

Palavras-chave: Tradição oral, conto de fadas, variações.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **Historia Social da Criança e da Família**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol.1. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987.**
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13ª edição. São Paulo: Global, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna. 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL. 2003.
- GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. **Contos de Grimm (contos de fadas) – obra completa**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.
- HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas**. São Paulo: Abril, 2016.